

A deusa Sarasvatī no hino 6.61 do *Ṛgveda*

Flávia Bianchini

Mestra em Ciências das Religiões Universidade Federal da Paraíba
flaviabianchini@gmail.com

Fabricio Possebon

Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões
Centro de Educação – Universidade Federal da Paraíba
fabriciopossebon@gmail.com

Resumo: Neste trabalho apresentamos uma análise sobre presença da deusa Sarasvatī em um dos hinos do *Ṛgveda* (*sūkta* 6.61). O *Ṛgveda* é uma coletânea de 1.028 hinos (*sūktas*) dos quais, três são dedicados integralmente a Sarasvatī e 72 outras passagens dos hinos fazem menção a ela. Costuma-se reduzir Sarasvatī nos *Vedas* a um rio, dando uma interpretação puramente naturalística, mas essa é uma leitura imperfeita, pois os hinos védicos dedicados a Sarasvatī mostram claramente sua conexão com outros aspectos e atributos que não podem ser endereçados a um rio puramente físico. Ela é cheia de riquezas e generosa; é poderosa, podendo destruir forças negativas; é capaz de inundar o céu e a terra, reside nos três mundos e abrange os sete elementos; pertence a um grupo de sete irmãs. Ela é elogiada pelo vidente (*ṛṣi*) como a mais amada dentre as amadas, a mais grandiosa, a mais impetuosa. O *ṛṣi* invoca sua proteção, pede que ela distribua águas e desvie o veneno, que proteja o pensamento (*dhī*), que dê plenitude e riquezas, que leve para longe dos inimigos e dos críticos – e, por fim, que ela não se afaste do seu devoto, nem o destrua.

Palavras-chave: Sarasvatī, *Ṛgveda*, hinos dos *Vedas*, deusa.

Goddess Sarasvatī in the hymn 6.61 of *Ṛgveda*

Abstract: In this paper we present an analysis of the presence of Sarasvatī goddess in one of the hymn of the *Ṛgveda* (*sūkta* 6.61). The *Ṛgveda* is a collection of 1,028 hymns (*sūktas*) of which three hymns are fully dedicated to Sarasvatī and she is mentioned in 72 other passages of the hymns. Sometimes the Vedic Sarasvatī is interpreted as just a river, in a purely naturalistic interpretation. That, however, is an imperfect reading, since the Vedic hymns that refer to Sarasvatī show that she is connected to other features and attributes that cannot be related to a physical river. She is plentiful of riches and is generous; she is powerful and able to destroy negative forces; she may engulf heaven and earth, she lives in the three worlds and is related to the seven elements, belonging to a set of seven sisters. The seer (*ṛṣi*) describes her as the most loved among the loved ones, the most grandiose, the most impetuous one. The *ṛṣi* requests her protection, asks her to spread her waters and to keep away the poison, to protect the thought (*dhī*), giving plenitude and riches and taking away the enemies and critics – and, finally, asking her not to destroy him nor to move away from her devotee.

Key words: Sarasvatī, *Ṛgveda*, hymns of the *Vedas*, goddess.

1 Introdução

O objetivo deste trabalho é fazer uma análise sobre a deusa Sarasvatī no *Ṛgveda*, especificamente no hino ou *sūkta* 6.61.

O *Ṛgveda* é o mais antigo dos quatro *saṃhitās*¹ e consiste em 1.028 hinos (*sūktas*) distribuídos em 10 livros (*maṇḍalas*). Sarasvatī é descrita ou mencionada em 72 *mantras* (versos) do

¹ *Saṃhitā* é a denominação dada à compilação de hinos e fórmulas de um dos quatro *Vedas* (*Ṛgveda*, *Yajurveda*, *Sāmaveda* e *Atharvaveda*), as obras ou escrituras indianas mais antigas conhecidas.

R̥gveda, e somente parte destes é reproduzida no *Yajurveda* (Kashyap, 2005, p. 1). No *R̥gveda* há apenas outros dois hinos dedicados integralmente a Sarasvatī: o hino 7.95 e o 7.96. Além destes há referências a Sarasvatī em diversos outros hinos dedicados a Indra, Viśvedevas, Āprīs, Agni, Soma, Pavamāna e Jñānam, dentre outros.

Este estudo abordará, primeiramente, alguns conceitos básicos relativos à divindade Sarasvatī. Depois, apresentará uma tradução completa do hino dedicado a ela. A seguir, analisará alguns aspectos particulares de cada uma das estâncias do hino, esclarecendo pontos mais complexos, a partir dos comentários de diversos autores.

2 A deusa Sarasvatī

Existem diversas divindades femininas (*devīs*) que são citadas nos *Vedas*; Sarasvatī é uma das mais importantes delas. Muitas das divindades védicas estão associadas a fenômenos naturais – como *Sūrya*, que está associado ao Sol, *Agni* que está associado ao fogo e *Vāyu* que está associado ao vento. Sarasvatī está associada a um grande rio indiano, que tem esse mesmo nome; mas Sarasvatī não é meramente a designação de um rio, assim como *Sūrya* não é simplesmente o Sol, nem *Agni* é somente o fogo e nem *Vāyu* apenas o vento. De acordo com a tradição interpretativa indiana, os *Vedas* possuem múltiplos níveis de significado, abrangendo (1) os aspectos físicos ou naturais; (2) os aspectos ritualísticos; (3) os aspectos divinos; e (4) os aspectos relacionados com o ser humano (Martins, 2011). Uma interpretação dos *Vedas* que só leve em conta um desses aspectos não atinge toda a riqueza de significados desses textos.

Podemos ter uma visão geral de diversos aspectos de Sarasvatī conforme a descrição de Catherine Ludvik:

No *R̥gveda*, Sarasvatī é um rio divinizado que representa abundância e poder. Ela está associada, sobretudo, às Águas (*Āpas*) e aos Deuses das tempestades (*Maruts*), e forma uma tríade com as deusas do sacrifício *Iṣā* e *Bhārati*. Desenvolvimentos subsequentes em sua conceituação estão enraizados no *R̥gveda* em sua conexão com o pensamento inspirado (*dhī*), que por sua vez está ligado à atividade de sacrifícios às margens do sagrado rio Sarasvatī. (Ludvik, 2007, p. 11)

A palavra sânscrita “Sarasvatī” é o feminino do composto *saras+vat*. Seu radical é *saras*, que significa qualquer coisa que flui ou que é fluida, podendo representar também um rio, um lago, grande superfície de água, tanque, piscina ou água em geral (Monier-Williams, 1979, p. 1182). Por sua vez, *saras* provém do radical *sr̥*, que significa correr, fluir, deslizar, mover-se, soprar (como o vento), atravessar, correr atrás de algo, perseguir, colocar em movimento (Monier-Williams, 1979, p. 1244). Outras palavras sânscritas associadas a *saras* e que provém do mesmo radical são *sara* (fluido, líquido, cachoeira, lago, leite, vento), *sāra* (corrida, movimento, poder, essência), *saraka* (um copo ou taça para bebidas, lago, bebida alcoólica) entre outras, todas trazendo uma conotação de líquido (ou fluido) e movimento. O sufixo *-vat* significa semelhança. Por exemplo, *brāhmaṇa-vat* significa semelhante a um *brāhmaṇa*; *pitṛ-vat* significa semelhante a um *pitṛ* (antepassado) (Monier-Williams, 1979, p. 915). Portanto, literalmente, *saras-vatī* significa aquela que se assemelha a um rio ou a alguma coisa que flui. Esse significado etimológico permitiu o surgimento de muitas interpretações simbólicas diversas. Aparece também no *R̥gveda* e no *Atharvaveda* o termo masculino *Sarasvat*, que também pode significar rio ou mar; seria o nome de uma divindade que pertence à região superior, considerado como filho da água e plantas, guardião das águas e doador da fertilidade (Monier-Williams, 1979, p. 1182).

Segundo o *Nirukta* de Yaska, a palavra Sarasvatī é usada no sentido de ‘um rio’ e de ‘uma deidade’ em diferentes passagens védicas (Sarup, 1967, p. 35). A etimologia indicada pelo *Nirukta* concorda com a apresentada por Monier-Williams. Sarasvatī vem da palavra *saras* que é sinônimo de água, que é derivado da raiz *sr* (fluir) – e por isso Sarasvatī representa ‘rica em água’ (Sarup, 1967, p. 147). Segundo Muir, além desta análise realizada por Yaska (*Nirukta* II.23), onde ela é celebrada tanto como um rio como uma divindade, esta mesma observação é feita por Sāyaṇa em sua interpretação ao *R̥gveda* I.3.12. Assim, ela (Sarasvatī) era, “sem dúvida,

primeiramente um rio sagrado, como seu nome, ‘a aquosa’, denota claramente e, nessa qualidade, ela é celebrada em algumas diferentes passagens” (Muir, 1870, vol. 5, pp. 337-338).

Segundo o dicionário sânscrito de Monier-Williams, no período dos *Vedas* Sarasvatī era o nome de um rio e de uma deusa. É descrita como uma deusa-rio que tem sete irmãs sendo ela própria constituída por sete partes. É chamada de mãe das correntezas, a melhor das mães, dos rios e das deusas. Os *ṛṣis* a invocam pedindo que desça dos céus, que conceda vitalidade, fama e riquezas. Em alguns lugares ela é descrita como se movendo em um caminho dourado e destruindo o ser demoníaco *Vṛtra*. Como deusa, ela está geralmente conectada a outras divindades, como *Pūṣan*, *Indra*, os *Maruts* e os *Aśvins*. Nos hinos dedicados a *Āpris* ela forma uma tríade com as deusas do sacrifício *Ilā* e *Bhārati*. De acordo com um mito contado no *Yajurveda* (*Vājasaneyi-Saṃhitā*), Sarasvatī transmite vigor a *Indra* através da fala [*vāc*]. Nos *Brāhmaṇas* ela é identificada com *vāc*, a palavra ou fala, e em épocas posteriores se torna deusa da eloquência (Monier-Williams, 1979, p. 1182). Em textos posteriores aos *Vedas*, Sarasvatī adquire outros significados e associações mitológicas, sendo considerada a filha e esposa de *Brahmā*, por exemplo.

Em mitos mais recentes a importância dessa deusa diminui e Sarasvatī é identificada com *Virāj*, a metade feminina de *Puruṣa* ou de *Prajāpati* e, portanto, um instrumento de criação. De modo geral ela é considerada a consorte de *Brahmā* e é chamada a ‘Mãe dos *Vedas*’ (Nath; Singh, 2010, p. 2).

3 O rio Sarasvatī

Nos *Vedas* há menção a sete importantes rios, sendo um deles – considerado o maior e mais importante – chamado Sarasvatī. Tal rio é descrito na *maṇḍala* 7, hino 95:2 como fluindo das altas montanhas em direção ao mar; ele descia do Himalaia até o Mar Arábico (Feuerstein, Kak & Frawley, 2001, p. 91). No entanto, não existe atualmente nenhum rio chamado Sarasvatī que corresponda a essa descrição. Uma interpretação recente, que tem sido aceita pela maior parte dos pesquisadores, é a de que existia efetivamente um rio chamado Sarasvatī, mas que este secou cerca de vinte séculos antes da era cristã. Ele surgia em Bandapunch, na geleira de Saravati-Rupin em Naitwar e descia por Adibadri, Bhavanipur e Balchapur, no pé das montanhas para a planície, tomando uma direção aproximadamente sudoeste. Passava pelas planícies de Punjab, Haryana, Rajastan, Gujarat e finalmente desaguava no mar Arábico no Rann de Kutch (Sankaran, 1999, p. 1056). Aparentemente, por modificações climáticas e tectônicas ocorridas no decorrer de várias centenas de anos, o rio Yamunā mudou de curso e deixou de verter suas águas no Sarasvatī, e tornando-se tributário do Ganges. Posteriormente o rio Sutlej, maior afluente do Sarasvatī, também passou a desaguar no Ganges, o que resultou na completa seca do rio Sarasvatī (Feuerstein, 1998, p. 102).

A questão da efetiva existência desse antigo rio que secou é importante para a discussão da antiguidade dos *Vedas*. Se o Sarasvatī era descrito como um poderoso rio que ia da região do Himalaia até o oceano, então os *Vedas* foram compostos antes da época em que ele se exauriu, ou seja, mais de 2.000 anos antes da era cristã. Esse é um tema importante, mas que não será discutido aqui. Informações detalhadas sobre todos estes desdobramentos em torno da seca do rio Sarasvatī e do desenvolvimento dos *Vedas* podem ser vistos no artigo “*A origem da civilização indiana no vale do Indo-Sarasvatī: teorias sobre a invasão ariana e suas críticas recentes*” (Bianchini, 2012).

4 Do rio Sarasvatī à deusa

Segundo Rangasami Lakshminarayana Kashyap, embora houvesse um rio de nome Sarasvatī que fluía no norte da Índia nos tempos védicos, os *mantras* do *Rgveda* possuem a maior parte do seu conteúdo relacionado com Sarasvatī considerada a deusa da inspiração (*dhī*), conforme reconhecido pelos *ṛṣis*, e que apenas alguns poucos epítetos relacionam Sarasvatī como um rio físico (Kashyap, 2005, pp. 1-2).

Este pesquisador possui uma interpretação mais “espiritual” dos *Vedas* e considera que:

Nos tempos védicos, o *Veda* foi recitado em enormes congregações, cuja maioria dos participantes não poderia ter conhecimento da interpretação puramente espiritual. Para eles Sarasvatī era simultaneamente um rio e uma deusa conectada com a aprendizagem. Somente os discípulos iniciados pelos sábios entendiam o verdadeiro significado dos hinos. (Kashyap, 2005, p. 52)

Existe, inegavelmente, uma dimensão espiritual em Sarasvatī, já que ela é associada no hino 6.61 e em vários outros ao conceito chamado *dhī*. O verbo sânscrito *dhī* significa pensar, perceber, refletir, querer; e o substantivo *dhī* significa nos *Vedas* pensamento (especialmente o pensamento religioso), reflexão, meditação, oração, podendo também significar uma noção ou opinião e também a sabedoria (Monier-Williams, 1979, p. 516). Nenhum dos significados de *dhī* pode ser associado a um rio físico. Assim sendo, não há dúvidas de que, desde os *Vedas*, *Sarasvatī* tem certamente uma dimensão espiritual, relativa ao interior do ser humano.

Há, no entanto, diferentes modos de se interpretar o conteúdo dos hinos, como veremos adiante. De que modo se dá a conexão ou transição entre a ideia de um rio e a ideia de uma deusa?

John Muir propôs que, uma vez que o rio tenha adquirido um caráter divino, é natural que ele deva ser considerado como “padroeiro” das cerimônias que eram celebradas à margem de suas águas sagradas, e que sob sua direção/orientação e bênção, devesse ser invocado como essencial para o bom desempenho e sucesso do ritual (Muir, 1870, vol. 5, p. 338). O mesmo autor afirma que é difícil afirmar se, em qualquer uma das passagens em que Sarasvatī é invocada, mesmo naquelas em que ela aparece como “padroeira” dos ritos sagrados, sua caracterização como uma deusa-rio é deixada totalmente de lado. Por exemplo, na estância 10.17.8 do *Ṛgveda*, ela é “descrita chegando ao lugar de sacrifício no mesmo carro com as oferendas e os antepassados, e como um objeto de adoração”. Mas em um verso seguinte 10.17.10, as águas (*Āpas*) também são invocadas e parece que a deusa é considerada conectada com o rio. Muir diz que em outras passagens ela também é representada como untuosa com manteiga, e como a estimuladora, dirigindo e fazendo prosperar a devoção dos fiéis (Muir, 1870, vol. 5, p. 341). Assim, de acordo com esse autor, o significado primordial de Sarasvatī era o de um rio, mas como ela era associada aos rituais sagrados realizados em suas margens, esse aspecto ritualístico influenciou a composição dos hinos e ela acabou também sendo identificada com *Vāc*, a deusa da fala.

Há outros aspectos mitológicos e associações de Sarasvatī como *Vāc*, como a Deusa, e como um Rio Sagrado nas obras de Sukumari Bhattacharji e Shantilal Nagar (Bhattacharji, 1998; Nagar, 2006), mas é na obra de Catherine Ludvik, que tais associações foram elaboradas de modo mais detalhado e profundo. Ludvik realizou um estudo que gira em torno da transformação gradual da Deusa do Rio para a Deusa do Conhecimento, traçando o desenvolvimento da Sarasvatī védica – Sarasvatī desde suas origens como rio – examinando a representação descrita na primeira fonte textual sobre a deusa (o *Ṛgveda* e demais *Vedas*) até as fontes textuais posteriores, os *Brāhmaṇas* e o *Mahābhārata* (Ludvik, 2007, pp. 3-4). Nesse estudo ela analisou todos os hinos do *Ṛgveda* que fazem referência a Sarasvatī. Esses hinos serão em parte utilizados no presente texto de modo a nos aprofundarmos em seu conteúdo e possíveis significados.

De modo semelhante a Muir, Catherine Ludvik considera que na religião védica inúmeros rituais foram realizados nas margens do rio Sarasvatī. Tal religião era centrada em torno do fogo sagrado em que as oferendas eram depositadas no fogo, enquanto hinos eram recitados. Em um hino do *Ṛgveda* (3:23:04) considera-se que as margens do rio Sarasvatī estavam entre os melhores lugares na Terra para estabelecer um fogo sagrado. A autora considera que o rio era “adorado” por quem vivia em suas margens (*Ṛgveda* 7:96:2ab); que Sarasvatī era invocada como a mais maternal (*āmbitame*) (2:41:16a) e a mais querida entre os queridos aos olhos de seus devotos (*priyā priyāsu*, 6:61:10a); que sua abundância líquida na forma de águas transbordantes originárias do elevado céu personificavam a riqueza no sentido mais amplo (1:164:49) (Ludvik, 2007, pp. 14-15).

Sarasvatī passa então a ser cultuada e saudada por suas dádivas poderosas. Nos hinos do *Ṛgveda*, os adoradores de Sarasvatī a invocam, pedindo por tudo sob o Sol, desde riqueza (*Ṛgveda* 3:54:13d), vitalidade (10:30:12d), descendentes (2:41:17d), prazer (1:89:3), fama

(2:41:16d), até o pensamento inspirado (*dhī*) (6:49:07b) – que é muito importante para sua posterior identificação com a palavra ou fala (*Vāc*). Como doadora e sustentadora da vida, Sarasvatī é até mesmo convidada a colocar o embrião no útero de uma mulher (10:184:2b) (Ludvik, 2007, pp. 14-15).

Obviamente, não se pode ter *certeza* de que ocorreu (nem como ocorreu) essa transformação gradual da visão védica de Sarasvatī, já que desde os hinos mais antigos ela possuía os diversos significados que foram mencionados. A ideia de que os rituais védicos eram realizados às suas margens é apenas uma hipótese, não sendo documentada nos textos que descrevem os antigos rituais.

5 Sarasvatī no hino 6.61 do *R̥gveda*

Apresentamos a seguir uma tradução de um dos hinos do *R̥gveda* dedicado à deusa indiana Sarasvatī. Tal tradução foi realizada a partir de três versões para o inglês, as de Ralph Griffith (1986), Horace Hayman Wilson (1977) e Rangasami Lakshminarayana Kashyap (2005). O texto sânscrito foi reproduzido a partir da versão eletrônica produzida por Detlef Eichler².

No hino 6.61 do *R̥gveda*, a deidade é Sarasvatī; o *ṛṣi* é Bharadvāja; a métrica da primeira à terceira estrofes e da décima terceira é *Jagatī*; da décima quarta é *Triṣṭubh*, o restante *Gāyatrī* (Wilson, 1977, vol. 4, p. 176; Griffith, 1986, p. 665). Este hino ou *sūkta* transmitido pelo *ṛṣi* Bharadvāja possui 14 *mantras*.

इयमददाद रभसं रणच्युतं दिवोदासं वध्र्यश्वाय दाशुषे |

या शश्वन्तमाचखादावसं पणिं ता ते दात्राणि तविषा सरस्वति ||१||

iyamadadād rabhasam ṛnacyutam divodāsam vadhryaśvāya dāśuṣe |
yā śaśvantamācakhādāvasam paṇim tā te dātrāṇi taviṣā sarasvatī || 1 ||

1. Para Vadhryaśva, sendo cultuada com presentes, ela deu o impetuoso Divodāsa, cancelador das dívidas. Ela destruiu o miserável egoísta [*paṇi*]. Ó Sarasvatī, essas são suas dádivas poderosas.

इयं शुष्मेभिर्बिसखा इवारुजत सानु गिरीणां तविषेभिरूर्मिभिः |

पारावतघ्नीमवसे सुव्रिक्तभिः सरस्वतीमा विवासेम धीतिभिः ||२||

iyam śuṣmebhirbisakhā ivārujat sānu ghīrīṇāṃ taviṣebhirūrmibhiḥ |
pārāvataghnīmavase suvṛktibhiḥ sarasvatīmā vivāsema dhītibhiḥ ||2||

2. Com suas ondas poderosas, como quem corta os talos de lótus, ela rompe os cumes dos montes. Com canções e hinos sagrados e nosso pensamentos [*dhī*] pedimos a proteção de Sarasvatī que destruiu Pārāvatas.

सरस्वति देवनिदो नि बर्हय परजां विश्वस्य बर्सयस्य मायिनः |

उत क्षितिभ्यो.अवनीरविन्दो विषमेभ्यो अस्वो वाजिनीवति ||३||

sarasvati devanido ni barhaya prajāṃ viśvasya bṛsayasya māyinaḥ |
uta kṣitibhyo.avanīravindo viṣamebhyo asravo vājīnīvati ||3||

3. Destrua, Sarasvatī, aqueles que zombam dos Devas, os descendentes de Bṛsaya, criador da magia. Distribua águas para os homens na terra, e desvie deles o veneno, ó cheia de riquezas!

पर णो देवी सरस्वती वाजेभिर्वाजिनीवती |

धीनामवित्र्यवतु ||४||

pra ṇo devī sarasvatī vājebhirvājīnīvatī |
dhīnāmavitravyavatu ||4||

4. Que a divina Sarasvatī, cheia de riquezas, proteja-nos totalmente, e com seu poder guarde nossos pensamentos [*dhī*].

² Os arquivos estão disponíveis em dois endereços: <<http://sanskritdocuments.org/mirrors/rigveda/e-text.htm>> e <<http://www.detlef108.de/Rigveda.htm>>. Acesso em 15 de julho de 2012.

यस्त्वा देवि सरस्वत्युपब्रूते धने हिते |
इन्द्रं न वर्त्तूर्ये ||५||

yastvā devī sarasvatyupabrūte dhane hite |
indram na vṛtratūrye ||5||

5. Divina Sarasvatī, para aquele que a invoca, cuja riqueza está oculta, seja como Indra que derrota Vṛtra.

तवं देवि सरस्वत्यवा वाजेषु वाजिनि |
रदा पूषेव नःसनिम ||६||

tvam devī sarasvatyavā vājeṣu vājini |
radā pūṣeva naṣanim ||6||

6. Divina Sarasvatī, você que é rica em plenitude, proteja nossa plenitude. Como Pūṣan, dê-nos as riquezas.

उत सया नः सरस्वती घोरा हिरण्यवर्तनिः |
वर्त्तन्नी वष्टि सुष्टुतिम ||७||

uta syā naḥ sarasvatī ghorā hiraṇyavartaniḥ |
vṛtraghnī vaṣṭi suṣṭutim ||7||

7. Que esta terrível Sarasvatī, com seu caminho de ouro, a destruidora de Vṛtra, receba com prazer o nosso elogio.

यस्या अनन्तो अहृतस्त्वेषश्चरिष्णुरर्णवः |
अमश्चरति रोरुवत ||८||

yasyā ananto ahrutastveṣaścariṣṇurṇavah |
amaścarati roruvat ||8||

8. Ela tem um poder infinito, que não se desvia. Seu fluxo rápido e impetuoso se move para a frente, com um forte rugido.

सा नो विश्वा अति दविषः सवसृरन्या रतावरी |
अतन्नहेव सूर्यः ||९||

sā no viśvā ati dviṣaḥ svasṛranyā rtāvarī |
atannaheva sūryaḥ ||9||

9. Que ela nos leve para longe de todos nossos inimigos, trazendo-nos suas irmãs, como Sūrya espalha os dias.

उत नः परिया परियासु सप्तस्वसा सुजुष्टा |
सरस्वती सतोम्या भूत ||१०||

uta naḥ priyā priyāsu saptasvasā sujusṭā |
sarasvatī stomyā bhūt ||10||

10. Sarasvatī, a mais amada entre as amadas [priyā priyāsu], a que tem sete irmãs [saptasvasā] e que é bem cuidada, que ela seja venerada com hinos de louvor.

आपप्नुषी पार्थिवान्युरु रजो अन्तरिक्षम |
सरस्वती निदस पातु ||११||

āpaprūṣī pāṛthivānyuru rajo antarikṣam |
sarasvatī nidas pātu ||11||

11. Proteja-nos dos que nos criticam, ó Sarasvatī, aquela que inundou a vastidão da terra e do céu!

तरिषधस्था सप्तधातुः पञ्च जाता वर्धयन्ती |
वाजे-वाजे हव्या भूत ||१२||

triṣadhasṭhā saptadhātuḥ pañca jātā vardhayantī |

vāje-vāje havyā bhūt ||12||

12. Aquela que reside nos três mundos, que abrange os sete elementos [*dhātu*], que produz a prosperidade dos cinco tipos de seres, ela deve ser invocada em todas as ações poderosas.

पर या महिम्ना महिनासु चेकिते द्युम्नेभिरन्या अपसामपस्तमा |
रथ इव बर्हती विभवने कर्तोपस्तुत्या चिकितुषा सरस्वती ||१३||

pra yā mahimnā mahināsu cekite dyumnebhiranyā apasāmapastamā |
ratha iva bṛhatī vibhvane kṛtopastutyā cikituṣā sarasvatī ||13||

13. A grandiosa entre os grandiosos por sua força, mais impetuosa do que as outras correntes, como uma excelente e ampla carruagem, ela, Sarasvatī, deve ser glorificada por todos os sábios.

सरस्वत्यभि नो नेषि वस्यो माप सफरीः पयसा मा न आधक |
जुषस्व नः सख्या वेश्या च मा तवत कषेत्राण्यरणानि गन्म ||१४||

sarasvatyabhi no neṣi vasyo māpa spharīḥ payasā mā na ādhak |
juṣasva naḥ sakhyā veśyā ca mā tvat kṣetrāṅyaraṇāni ghanma || 14||

14. Guie-nos, Sarasvatī, para as riquezas preciosas. Não nos queime com suas águas, nem se afaste de nós. Aceite amavelmente nossa amizade e obediência. Que não nos afastemos de você para lugares estéreis.

6 Análise sobre a deusa Sarasvatī no Hino 6.61

Segundo Rangasami Lakshminarayana Kashyap, tal hino enfatiza as múltiplas facetas de Sarasvatī,

[...] tais como, força, potência, velocidade; ela pode dar plenitude e riqueza para o sacrificador; ela pode protegê-lo/a de *Vṛtra* – aquele que oculta – dos censuradores, dos *paṇis*, dos poderes hostis; ela supera todos os obstáculos que entram em seu caminho; ela protege o intelecto (*dhī*) do sacrificador; ela é consciente (*cikituṣā*, *cetanti*); ela é rica em pensamento ou intelecto (*dhiyavasū*); ela torna o sacrificador/sacerdote consciente; ela é cheia de verdade (*ṛtāvartī*); e é capaz de dar a visão da verdade para o sacrificador. (Kashyap, 2005, p. 22)

Tais são os atributos associados a Sarasvatī no presente hino, e Kashyap considera que tais atributos não podem ser aplicados a um rio físico, mostrando, portanto, que Sarasvatī não pode ser reduzida à sua interpretação naturalística (Kashyap, 2005, p. 22).

Alguns dos aspectos gerais do hino podem ser compreendidos em uma primeira leitura. Vamos agora analisar certos elementos específicos que precisam ser esclarecidos em cada parte deste hino dedicado a Sarasvatī.

RV 6:61:1. Para Vadhryaśva, sendo cultuada com presentes, ela deu o impetuoso Divodāsa, cancelador das dívidas. Ela destruiu o miserável egoísta [*paṇi*]. Ó Sarasvatī, essas são suas dádivas poderosas.

No início do hino, Sarasvatī é saudada por suas dádivas poderosas e, mais especificamente, por conceder Divodāsa a Vadhryaśva, cancelar dívidas e destruir os Paṇi (e nas próximas passagens é também a destruidora dos Pārāvatas e dos descendentes de Bṛsaya); sendo cultuada com presentes. Mas quem são estes personagens, quem são os Paṇis, Pārāvatas e Bṛsaya?

Vadhryaśva é o nome de um *ṛṣi*, que é especialmente elogiado em um hino dedicado a *Agni* (*Ṛgveda* 10:69). Segundo Griffith, ele recebeu de Sarasvatī um filho, que foi Divodāsa (Griffith, 1986, p. 323). Divodāsa significa, literalmente, “escravo celeste”; é um outro nome de Bharadvāja, sendo celebrado por sua generosidade e por ser protegido por *Indra* e pelos *Asvins*. Seu pai é também conhecido por Bhadrāsva e Bhavaśva (Monier-Williams, 1979, p. 479).

Alfred Hillebrandt considera que Divodāsa é o filho de Vadhryaśva, que este vive nas margens do rio Sarasvatī – o fluxo sagrado da terra – e que os inimigos são tribos chamadas de Paṇi, Pārāvata e Bṛsaya. Ele conclui isso após levar em consideração o hino 1:93:4 onde os descendentes de Bṛsaya e dos Paṇi são vistos como próximos. Hillebrandt considera que se trata de

três tribos inimigas; o território dos Bṛsaya estaria perto dos territórios dos Pārāvatas, Paṇis e de Divodāsa (Hillebrandt, 1980, pp. 341-344).

Em suas análises dos *Vedas*, Hillebrandt interpreta o conteúdo e simbologia contidos nos hinos somente a aspectos históricos e acontecimentos físicos, o que o leva a associar os inimigos a tribos hostis. Porém, além de suas próprias considerações, Hillebrandt cita os trabalhos de Petersburger, Ludwig e Bergaigne para descrever algumas outras possíveis interpretações para o significado de Paṇi³. Este nome poderia ser também interpretado, de acordo com Ludwig, como “comerciante que pertencia à população original”. Bergaigne propôs que a palavra significasse, literalmente, uma pessoa, gananciosa e avarenta, designando o homem que não oferecia nenhum presente aos sacerdotes ou que deixava de realizar o sacrifício ritual; os demônios que retinham os tesouros celestes também são considerados como gananciosos e avarentos; a palavra Paṇi também poderia denotar um inimigo mítico; os miseráveis guardiões das vacas celestes, que haviam escondido a manteiga, mas que é descoberta pelos deuses. Petersburger considera Paṇi como um comerciante, alguém que não vai dar nada sem retorno, avarento, pão-duro, sovina; ou descrentes que querem manter a sua própria fé; assim são chamados também os demônios relutantes que guardam os tesouros e são dominados pelos deuses e por Āngiras (Hillebrandt, vol. 1, 1980, pp. 332-339).

Segundo Hillebrandt, os *Paṇis* deveriam ser considerados não como uma tribo de comerciantes, mas como uma tribo hostil, visto que em outras passagens do *Rgveda* há uma quantidade considerável de referências às suas expedições predatórias, à sua riqueza e realização de espólios (Hillebrandt, vol. 1, 1980, p. 334). Na etimologia de Yaska, *paṇih* (mão) é derivado da raiz *pan*, que significa adorar: ‘eles adoram deuses, depois de ter dobrado (fechado) suas mãos’ (Sarup, 1967, pp. 36-37).

O substantivo *paṇa* significa uma propriedade, riqueza, um bem que está à venda, um prêmio, salário, recompensa (Monier-Williams, 1979, p. 580). A palavra *paṇi*, associada a esse substantivo, significa uma pessoa que negocia, um avarento, mesquinho, que não é generoso em seus oferecimentos, podendo também se referir a um tipo de demônio que esconde tesouros (Monier-Williams, 1979, p. 580). Assim, essa palavra parece ter um significado amplo, caracterizando propriedades humanas negativas, podendo não indicar um povo específico.

Aparentemente, a primeira estância do hino enfatiza a generosidade de Sarasvatī, e também a de Divodāsa (eliminador das dívidas), contrastando essa generosidade com a avareza dos *Paṇis*, que são destruídos por ela.

RV 6:61:2. Com suas ondas poderosas, como quem corta os talos de lótus, ela rompe os cumes dos montes. Com canções e hinos sagrados e nossos pensamentos [*dhī*] pedimos a proteção de Sarasvatī que destruiu Pārāvatas.

RV 6:61:3. Destrua, Sarasvatī, aqueles que zombam dos *Devas*, os descendentes de Bṛsaya, criador da magia. Distribua águas para os homens na terra, e desvie deles o veneno, ó cheia de riquezas!

Nas estrofes 6:61:2-3, a nascente de Sarasvatī nas montanhas é invocada e com hinos, canções e pensamento (*dhī*). Sua proteção é solicitada, assim como a destruição dos Pārāvatas e dos descendentes de Bṛsaya, como foi explicado acima. A distribuição de suas águas é solicitada, juntamente com a proteção contra o veneno.

A palavra *pārāvata* significa remoto, distante, aquilo que vem de longe, estrangeiro, oposto, hostil (Monier-Williams, 1979, p. 620). Segundo Monier-Williams, Bṛsaya é o nome de um demônio ou de um feiticeiro (Monier-Williams, 1979, p. 735). Esse nome aparece também em

³ As passagens *ṛgvedicas* que mencionam os Paṇis são distribuídas na coleção inteira de hinos – mas de forma desigual, pois na *maṇḍalas* II e III são citados somente uma vez, nas *maṇḍalas* V e IX duas vezes cada, nas *maṇḍalas* IV e VII três vezes e na VIII seis vezes. Na *maṇḍala* X há cinco ocorrências; na *maṇḍala* I há nove passagens, e ocorrem doze vezes na *maṇḍala* VI. É característico que nas *maṇḍalas* onde os Paṇis são mais citados, é precisamente Puṣan que desempenha um papel importante. Puṣan é o senhor dos caminhos (6:53,1), ele traz o gado perdido de volta (6:54,10) e mostra as casas onde ele está oculto (6:54.1,2). Durante um hino inteiro (6:53:3, 5-6-7) Puṣan é invocado como protetor contra o Paṇis, sendo invocado para derrotá-los (Hillebrandt, 1980, vol. 1, p. 333).

outro hino (*R̥gveda* 1:93:4) que elogia *Agni* e *Soma* por terem conseguido roubar o gado dos Paṇis, e por terem feito com que os descendentes de Bṛsaya percessem, encontrando a luz única para iluminar a todos. O significado não é claro. Segundo Ludvik, “Ela é chamada de matedora de estranhos (*pārāvataḡhnī*), e sua violenta agressão é descrita em termos inequívocos” (Ludvik, 2007, p. 15). Para essa autora, *pārāvata* tem um significado genérico e não indica uma tribo ou uma pessoa em particular.

Wilson considera que na primeira estrofe *Sarasvatī* foi tratada como uma deusa e aqui ela é louvada como um rio; e que tal confusão permeia o hino (*sūkta*) inteiro (Wilson, 1977, p.177). Na verdade, como vimos, ela não é apenas um rio, nem apenas uma deusa.

Ao lado das águas divinas (*Āpas*), os rios divinizados ocupam uma posição bastante importante no *R̥gveda*. O *Sarasvatī* é mais celebrado do que qualquer outro rio, e a ligação da deusa com ele está sempre presente nas mentes dos sacerdotes: “Ela arrebenta com suas poderosas ondas os picos das montanhas, e sua imensa inundação se move impetuosamente rugindo” (MacDonell, 1897, p. 86). Em outro hino do *R̥gveda* (7:95.1) diz-se que ela (*Sarasvatī*) flui das montanhas para o mar (Muir, 1870, vol. 5, p. 340). Em uma abordagem naturalística, isso descreve simplesmente um rio surgindo das montanhas. Notemos, no entanto, que o hino não diz que *Sarasvatī* saiu das montanhas e sim que ela quebra os topos das montanhas. Não é muito fácil imaginar um rio (no sentido literal) fazendo isso. O significado pode ser outro.

Numa interpretação mais espiritual, Kashyap nos diz que as montanhas simbolizam as forças da ignorância, e que ela (*Sarasvatī*) nos permite subir aos mais altos níveis de consciência ao destruir as montanhas (Kashyap, 2005, p.23). Na análise de Yaska:

Ela (quebrou), com a sua força, com poder de destruição. A palavra *śuṣma* é sinônimo de força, (assim chamada), porque esmaga (tudo). *Biśam* (haste de lótus) é derivado de *bis*, que significa dividir, ou crescer. Pico é (assim chamado porque) ele está muito levantado, ou é muito elevado. Com poderosas ondas, que varrem o que está longe e que está próximo da mesma forma, que destrói o que está na outra margem, bem como o que está nesta. *Pāram* significa algo que está longe; *avāram* algo próximo, à mão. ‘Adoremos *Sarasvatī*, que varre o que está longe e o que está próximo da mesma forma, com hinos bem compostos, e atos (de adoração), para nossa proteção’. 6.61.2. (...) *Sarasvatī* é a fala ou discurso da atmosfera, os picos das montanhas e os topos das nuvens são quebrados por suas fortes ondas, poderosos trovões. Ela varre o que está longe e o que está perto, o céu e a terra. (Sarup, 1967, p. 35)

Nestas passagens o hino fala da distribuição de águas para os homens na terra e sobre desviá-los do veneno. Kashyap indica que *viśam* tem o significado comum de veneno, mas que para *Sāyaṇa* significa água, e assim pode-se traduzir por “fazer o fluxo de águas para a humanidade” ou “o mal pensamento dos poderes hostis pode se tornar seu próprio veneno” (Kashyap, 2005, p. 24).

RV 6:61:4. Que a divina *Sarasvatī*, cheia de riquezas, proteja-nos totalmente, e com seu poder guarde nossos pensamentos [*dhī*].

RV 6:61:5. Divina *Sarasvatī*, para aquele que a invoca, cuja riqueza está oculta, seja como *Indra* que derrota *Vṛtra*.

RV 6:61:6. Divina *Sarasvatī*, você que é rica em plenitude, proteja nossa plenitude. Como *Pūṣan*, dê-nos as riquezas.

RV 6:61:7. Que esta terrível *Sarasvatī*, com seu caminho de ouro, a destruidora de *Vṛtra*, receba com prazer o nosso elogio.

Nestas quatro estrofes a riqueza de *Sarasvatī* é invocada. Ela é comparada a *Pūṣan* na distribuição de riquezas; a *Indra* na destruição de *Vṛtra*. Sua proteção aos pensamentos (*dhī*) é solicitada, pedindo-se também que ela fique satisfeita com a recitação dos hinos;

Na passagem anterior (6:61:2) como nessa (6:61:4), a proteção ao pensamento (*dhī*) é solicitada. Ludvik diz que *Sarasvatī* é invocada para conceder, entre outras dádivas, o pensamento inspirado (*dhī*) ao qual ela está intimamente ligada e *dhī*, por sua vez, está intimamente ligado com a fala, *Vāc*, com a qual *Sarasvatī* é identificada posteriormente nas escrituras. Sua associa-

ção com *dhī* abre o caminho para a sua transformação em Sarasvatī-Vāc, a deusa da fala, não só da expressão, mas, sobretudo, do conhecimento.

Dhī pode ser associado a diferentes interpretações começando com o pensamento e terminando com a personificação da inteligência; como a sabedoria; visão poética ou um pensamento poético e intuição – uma espécie de intuição ligada em particular com *mānas* – como em *mānasā dhī*, ‘para ver por meio do pensamento’ (Ludvik, 2007, p. 26). Ludvik faz referência a Jan Gonda que nos diz que *dhī* é:

[...] visão ou inspiração, a faculdade excepcional e supranormal, própria dos videntes que “veem” por meio da mente. Embora *dhī* geralmente se refira ao pensamento inspirado em seu estado não verbalizado, há casos, como em poemas, hinos, recitação, em que o pensamento é traduzido em palavras. Em uma espécie de reciprocidade do processo, o devoto invoca a divindade, pedindo *dhī*, e sobre a sua recepção, elabora o pensamento inspirado em um hino em louvor do deus, onde ele pede novamente pelo que deseja. Assim, as funções de *dhī* como um meio fornecido pelos deuses para alcançar os deuses, de modo a beneficiar-se deles, no sentido mais amplo possível. (Ludvik, 2007, p. 27)

Ludvik considera que Sarasvatī é solicitada para conceder pensamento inspirado porque, como o próprio *Rgveda* afirma, ela rege sobre tudo o que se refere à *dhī* – ‘*dhīyo vīśvā vī rājati*’ (1:3:12c) (Ludvik, 2007, p. 27). Gonda também faz essa mesma consideração, ao dizer que “a esperança do poeta é de que Sarasvatī, a deusa do rio, que no decurso do período védico passa a ser identificado com a fala (*vāc*), vai lhe dar ‘visão’ (*dhī*)” (Gonda, 1975, p.67).

Acompanhada por pensamentos inspirados (*Sārasvatī sahā dhībhih*), ela é o seu promotor (*dhīnām avitrī*). Ela completa o *dhī* dos videntes, tornando-os bem sucedidos (*Sarasvatī sādhyantī dhīyaṃ nah*), e deve dar ao cantor do hino incontestável proteção (*durādhārṣaṃ grnaté śarma yaṃsat//*). Assim, o cantor implora (7:35:11b): “auspiciosa [para nós] seja Sarasvatī com pensamentos inspirados” (*śām sārasvatī sahā dhībhir astu*). (Ludvik, 2007, p. 28)

10

Segundo Muir, a conexão de Sarasvatī com os ritos sagrados é que pode ter levado à sua associação com a influência sobre a composição dos hinos, o que tomou parte no processo de identificá-la com *Vāc*, a deusa da expressão ou fala (Muir, 1870, vol. 5, p. 338-339). Ludvik também considera que a ligação de Sarasvatī com a recitação de hinos em suas margens dentro de um contexto ritual, juntamente com sua associação relacionada a *dhī*, teve esse efeito transformador sobre a deusa do rio, pois os pontos em comum do imaginário compartilhados por Sarasvatī, *dhī*, bem como o discurso / a fala, contribuiu para a sua identificação com *Vāc* (Ludvik, 2007, p. 28).

Sobre as demais referências feitas nestas passagens do hino a *Indra* e *Vṛtra*, Yaska nos informa que *Indra*, o portador do raio, feriu *Vṛtra*, que aprisionava os rios, liberando-os (Sarup, 1967, P. 36-37); que *Indra* despedaçou *Vṛtra* membro por membro (Sarup, 1967, p. 147). Ludvik também comenta que, quando *Indra* mata *Vṛtra*, ele libera os rios, e os rios trazem abundância com suas águas (Ludvik, 2007, p. 32).

Muir traduz a passagem 6.61.7 de um modo diferente: “Ela é terrível, se move ao longo do caminho dourado, é destruidora de *Vṛtra*; o adorador procura sugar prosperidade e riquezas indescritíveis de seus seios prolíficos” (Muir, 1870, vol. 5, p. 341-342).

Num sentido mais amplo podemos supor que Sarasvatī, ao destruir *Vṛtra*, libera o fluxo dos rios, das águas, e distribui assim riquezas e abundância para aqueles que a adoram. Na tradução de Ludvik, temos a seguinte descrição:

Com suas águas turbulentas e selvagens, a mãe assume uma aparência feroz, horrível (*ghorā*). Ela, que permanece forte e inatacável como uma fortaleza, como uma muralha de metal, é solicitada a conquistar os que são inimigos dos seus entes queridos. Ela é chamada de matadora de estranhos (*pārāvataḡhñī*) e sua violenta agressão é descrita em termos inequívocos. (Ludvik, 2007, p. 15)

Hillebrandt, que faz uma abordagem naturalística, realiza uma extensa análise sobre os desenvolvimentos e associações em torno de *Vṛtra* nos *Vedas*, onde é identificado às mais variadas formas, como inimigo, demônio, como aquele que no inverno aprisiona os rios e as águas nos

céus, nas nuvens e nas altas montanhas, trazendo deste modo uma associação de *Vṛtra* com as estações (Hillebrandt, 1980, pp. 94-124).

No comentário à tradução do hino realizada por Wilson, este nos conta uma pequena história sobre a relação entre *Indra* e *Vṛtra*:

Vrisaya – Vrisaya é um nome de Twashtri, cujo filho era Vritra; na introdução de Sayana ao *Yajurveda Negro*, *Taittiriya Yajush*, é relatada uma curiosa lenda para ilustrar a importância da correta acentuação das palavras nos Vedas: diz-se que Indra havia matado um filho de Twashtri, chamado Vishwarupa, e em consequência disso havia inimizade entre eles; por ocasião da realização de um sacrifício do Soma, celebrado por Twashtri, ele omitiu a inclusão do nome de Indra em seus convites para os deuses; Indra, no entanto, veio como um hóspede não convidado, e à força tomou uma parte da libação do Soma; com o restante Twashtri realizou um sacrifício para o nascimento de um indivíduo que deveria vingar a sua honra e destruir seu adversário, direcionando o sacerdote a rezar: agora vamos fazer um homem nascer e prosperar, o assassino de Indra. Ao pronunciar o *mantra*, porém, o sacerdote oficiante cometeu um erro na acentuação do termo *Indraghataka*, matador de Indra – no qual, como um composto *tat-purusha*, o acento agudo deveria ter sido colocado sobre a última sílaba. Ao invés disso o recitador do mantra colocou o acento na primeira sílaba, através do qual o composto tornou-se um epíteto *bahuvrihi*, significando Indra o assassino: conseqüentemente, quando, em virtude do rito, Vritra foi produzido, pela acentuação errada, ele foi condenado à morte por Indra em vez de se tornar seu destruidor. (Wilson, 1977, pp.177-178)

Segundo Kashyap, *pra avatu* significa, proteja-nos em todos os aspectos, e *avitri*, guardião; *hita*: oculto (por forças adversas); as riquezas são a paz da mente e outras felicidades encobertas ou ocultas por *Vṛtra*; *sanim*: da raiz *san* significa ‘dar’, *sani* é usado no *Rgveda*, no sentido de dar, plenitude, generosidade, para apreciar. *San* tem um senso de prazer e satisfação (Kashyap, 2005, pp. 24-25).

RV 6:61:8. Ela tem um poder infinito, que não se desvia. Seu fluxo rápido e impetuoso se move para a frente, com um forte rugido.

RV 6:61:9. Que ela nos leve para longe de todos nossos inimigos, trazendo-nos suas irmãs, como *Sūrya* espalha os dias.

RV 6:61:10. Sarasvatī, a mais amada entre as amadas [*priyā priyāsu*], a que tem sete irmãs [*saptasvasā*], e que é bem cuidada, que ela seja venerada com hinos de louvor.

As estrofes 6.61.8-10 citam seu poder infinito, fluxo, força e poder de inundação; suas irmãs e sua veneração por meio dos hinos; assim como declaram sua semelhança a *Sūrya* ao espalhar os dias.

Kashyap traduz alguns termos do hino, *chariṣṇur* (move-se em todos os lugares), *tvesha* (brilho), *ahrutaḥ* (indesviável), *ama* (o poder), *saptasvasā* (sete irmãs). Diz-nos ainda que há nos *Vedas* referência a sete rios, a sete videntes (*sapta ṛṣayaḥ* 10.109.4), a sete cavalos (*sapta aśvaḥ* 5.49.9), e que sete também podem ser associados aos sete princípios do ser, divinos e humanos, chamados como *saptadhātu*, (5.4.6 e 6.61.12) – segundo ele, “a totalidade do que torna a perfeita existência espiritual”. Kashyap cita que *Sāyaṇa* explica *saptasvasā* como as sete métricas, associando *Sarasvatī* com a métrica *gāyatrī*, o que evidentemente implicaria que *Sarasvatī* é a deusa da poesia (Kashyap, 2005, p. 24).

Wilson traduz *ati svarīranyā ṛtavarī* por “traga para nós suas outras irmãs carregadas de águas”; *ati* seria aqui equivalente a *atini*, “levar mais além” ou, no fim do texto, *ati dviṣaḥ*, “podem superar as outras irmãs aqueles que nos odeiam”. *Saptasvasā* poderia significar sete irmãs, ou as sete métricas dos *Vedas*, ou os sete rios (Wilson, 1977, p.179).

MacDonell traduz como “ela tem sete irmãs e é sete vezes (grande)”. Indica outros hinos nos quais ela é assim indicada: “Ela é uma das sete, a mãe dos fluxos” (7.36.6), “Ela é a melhor das mães, dos rios, e das deusas” (hino 2.41.16) (MacDonell, 1897, p. 86). O número “sete” é importante nos *Vedas*, mas se *Sarasvatī* tivesse sete irmãs, seriam 8 ao todo, e o número oito não tem o mesmo peso simbólico. Assim, pode ser que ao falar sobre sete irmãs, o hino esteja incluindo nesse número a própria *Sarasvatī*.

Muir afirma que nos hinos 6:61:10 e 7:36:06, ao indicar que ela tem sete irmãs, significaria que ela é um dos sete rios, sendo como uma mãe de todos os rios ou fluxos de água (*saptavasā / Sarasvatī saptathī sindhumātā*). “Que as Águas (*Āpas*) deixem o poeta declarar sua grandeza transcendente na morada do adorador. Cada conjunto de sete (córregos) tem seguido, portanto um curso” (Muir, 1870, vol. 5, p. 340-344).

Sarasvatī é descrita como um poderoso rio que supera os outros em atividade (6.61.2; 6.61.8; 6.61.13). É conhecida pela força e volume das suas águas, e assim a deusa é identificada por um volume de água incontável, movimento impetuoso, rugindo impetuosamente com vida, e possuindo sete irmãs (ou sendo uma das sete). O Sarasvatī também é elogiado como o mais reverenciado e como o mais divino entre os rios (Ludvik, 2007, pp. 11-12). Ludvik salienta que o Sarasvatī é “muito mais celebrado do que qualquer outro rio, incluindo o Sindhu, e, portanto, parece improvável que um rio menos exaltado deva ser concebido como a mãe, de uma forma mais célebre” (Ludvik, 2007, p. 17).

Nos *Vedas* os rios em geral são frequentemente chamados como mães; Sarasvatī, que é um deles, é elogiado como a mãe suprema e o rio supremo (*āmbitame nadītame*). Os sete rios (*sapta sīndhavaḥ*) seriam não apenas sete rios, mas as sete mães ou as sete mães-rios (1:34:08a). E se os sete rios indicam o sistema de rios do país, o significado da versão estendida da frase seria que todos os rios são mães. Segundo Ludvik o composto *sīndhumātar bahuvrīhi* aplicado ao Sarasvatī em 7:36:06b pode ter o significado, no singular ou no plural, de que Sarasvatī pode ser tanto um rio como mãe, ou no plural, rios ou mães. Ludvik sugere o significado plural, que abre a possibilidade de interpretar o composto como um *bahuvrīhi* de pertinência no qual Sarasvatī, cujas mães são os rios, pode ser incluída como uma entre estas mães-rios. Através dessa interpretação, a questão em torno de *saptavasā e sīndhumātar*, como salientado acima por Muir é redefinido. “Não é mais uma questão de quem ou o que especificamente pode ser a mãe de Sarasvatī, mas sim de identificar o papel de Sarasvatī como mãe, que ela compartilha com todos os rios”. O *bahuvrīhi* de pertinência em seu papel como irmã em *saptavasā* poderia também ser explicado como uma de suas sete irmãs, presumivelmente sete rios que representam todos os rios. Assim “os rios são irmãs um para o outro e mães em relação aos outros” (Ludvik, 2007, pp. 20-21).

No mesmo *pāda* em que Sarasvatī é referida como *sīndhumātar*, ela é também chamada de sétima, *saptāthī: Śārasvatī śaptathī sindhumātā / (7:36:06b)*, uma formulação notavelmente próxima de *sīndhubhiḥ saptāmātrbhiḥ* de 1:34:08a. Ela é uma das sete irmãs dos rios, a sétima em relação às outras e uma das sete mães-rios. (Ludvik, 2007, p. 21)

Segundo Kashyap, os sete rios são: Sindhu, Vítara (Jhelum), Asikni (Chinab), Iravati (Rāvi ou Paruṣhni), Vipasta (Biās), Shutadri (Satelej), e Sarasvatī (Kashyap, 2005, p. 53). Estes nomes são citados em um grupo de dez rios no hino 10.75.5 do *Ṛgveda*: Ganga, Yamuna, Sarasvatī, Shutudri, Paruṣhni, Marutvrdha, Asikni, Vitasta, Arjikiya e Sushoma. De acordo com Yaska, o rio Iravati é o mesmo Paruṣhni; o Arjikiya é o Vipat ou Urunjira; e o Sushoma é o Sindhu (Kashyap, 2005, pp. 45-46).

Nos *Vedas*, um rio representa as energias dinâmicas que estão fluindo. O comentarista Yaska dá os significados por trás dos nomes dos rios. Os significados podem ser entendidos tanto no sentido físico como no sentido espiritual/psicológico. Ganga é derivado de aquilo que vai, flui; Yamuna, que se mistura com outros rios; Shutudri, que flui rapidamente; Paruṣhni, que flui de uma forma sinuosa; Marutvrdha, que é energizado pelos Maruts, ventos, energias vitais; Asikni, a que não é branca ou pura; Vitasta, aquilo que se estende ou que é larga, ou que tem margens altas; Arjikiya que é nascida no lugar rjika, que flui em linha reta; Sushoma, como o oceano, a que dá prazer; Vipat que transborda dos seus bancos. (Kashyap, 2005, p. 46)

Kashyap, em sua interpretação espiritual, considera que não estamos lidando com rios físicos, que o conteúdo nestes versos implica claramente que esses rios não podem ser físicos. Em primeiro lugar, notemos que as frases utilizadas para os sete rios são, *sapta nadyaḥ, sapta sīndhavaḥ, sapta yāvīh*. E seus cognatos são sete mães (*sapta mātaraḥ*), sete vozes (*sapta vāṇi*),

sete éguas (*sapta yahvi*), sete irmãs (*sapta svasārah*), o que implicaria num significado simbólico (Kashyap, 2005, pp. 53-54).

Em relação a *Sūrya*, o hino 7:66:15 afirma: “O sol [*Sūrya*], que brilha sobre todos, de pico a pico, o senhor que se move e o que está parado, é sustentado na sua carruagem pelas sete irmãs mares/rios, para o bem-estar do mundo” (Bose, 1966, p. 95). Neste hino o Sol e as sete irmãs surgem associados para o bem estar de todos, demonstrando que em outras passagens do *Rgveda* há relações entre eles, o que justificaria Sarasvatī chamar aqui por suas sete irmãs-rios para a proteção do suplicante.

RV 6:61:11. Proteja-nos dos que nos criticam, ó Sarasvatī, aquela que inundou a vastidão da terra e do céu!

RV 6:61:12. Aquela que reside nos três mundos, que abrange os sete elementos [*dhātu*], que produz a prosperidade dos cinco tipos de seres, deve ser invocada em todas as ações poderosas.

Novamente, nestas passagens, seu poder de inundação, sua vastidão e sua proteção são citados, assim como sua residência ou abrangência nos três mundos, sua relação com os sete elementos [*dhātu*] e cinco tipos de seres.

Ludvik considera que enquanto o volume de suas águas representa a abundância (um aspecto positivo), a incontabilidade e vigor esmagador de seu dilúvio encarna sua força terrível (um aspecto assustador). E assim traduz: “Invadindo pela [sua] grandeza todas as outras águas. Inesgotável plenitude na forma líquida, ela preenche os terrenos [espaços] e a largura/espaço entre eles”, numa alusão à terra, ao céu e ao espaço intermediário entre céu e terra.

Sarasvatī também é identificada como aquela que faz as cinco gerações crescerem, o que poderá estar associado aos cinco tipos de seres (Ludvik, 2007, pp. 13-15).

Referindo-se aos “três mundos”, MacDonell diz que “ela enche as regiões terrestre, celeste e o amplo espaço atmosférico e ocupa os três corpos” (MacDonell, 1897, p. 86). Em alusão a outras passagens do *Rgveda*, Ludvik relata que as Águas (*Āpas*), assim como Sarasvatī, são provenientes dos elevados céus (5:42:12c), são ao mesmo tempo celestiais e terrenas (7:49:02). E assim como elas (*Āpas* e Sarasvatī) “estão presentes no espaço luminoso além e abaixo do Sol” (3:22:03cd), Sarasvatī preenche os reinos da terra e do amplo espaço do meio, e é caracterizada como habitando em três lugares (6:61:11-12a) (Ludvik, 2007, pp.17-18).

As águas (*Āpas*) são muitas vezes chamadas de seres celestes (*devī*) (7:49:1-4) e comparadas a amorosas mães (10:9:2c). Assim como Sarasvatī, elas trazem comida (2:35:14c), riqueza (10:30:14a), força (10:9:1ab) e saúde (10:9:5c). Dentro das Águas, com o Soma, habitam todos os remédios (10:09:06ab) e, conseqüentemente, elas podem curar doenças (10:137:6cd). As águas também carregam para longe todas as impurezas na forma de traição e de falso testemunho (10:09:08). (Ludvik, 2007, p. 17)

Misticamente, Sarasvatī poderia ter surgido de um oceano. Mas não a partir de um oceano “terrestre”. Ludvik indica que alguns estudiosos como Bergaigne, Lommel e Luders sugerem a possibilidade de um oceano “celestial”. O oceano celeste está conectado com as águas (*Āpas*), que são tanto terrestres quanto celestes (7:49:02). Como as águas primordiais da criação, elas são as mães de tudo o que é fixo e que se move (6:50:07d), mais manifestamente das suas contrapartes no mundo, as águas terrestres (representadas pelos rios, lagos e oceano terrestre) (Ludvik, 2007, p. 19).

Os sete elementos ou *sapta dhātu* conforme Kashyap seriam os planos da consciência (descritos na literatura indiana posterior), com suas sete camadas ou envoltórios: *bhuḥ* (matéria), *bhuvah* (vida, energia), *svah* (mente), *manah* (supramente), *janaḥ* (felicidade), *tapah* (consciência-força) e *satyam* (existência). Kashyap considera que *nida* se traduz por “censurar” ou por “aqueles que nos traem”, e que *apaprushi* seria “inundação” (Kashyap, 2005, p. 27).

Para Wilson os sete elementos – *saptadhātu* – podem ser associados tanto às sete métricas dos *Vedas* como aos sete rios (Wilson, 1977, p.179).

RV 6:61:13. A grandiosa entre os grandiosos por sua força, mais impetuosa do que as outras correntezas, como uma excelente e ampla carruagem, ela, Sarasvatī, deve ser glorificada por todos os sábios.

RV 6:61:14. Guie-nos, Sarasvatī, para as riquezas preciosas. Não nos queime com suas águas, nem se afaste de nós. Aceite amavelmente nossa amizade e obediência. Que não nos afastemos de você para lugares estéreis.

Nestas passagens Sarasvatī tem sua força e grandeza (dimensão) exaltadas; é glorificada pelos sábios; são invocadas proteção e aproximação a Sarasvatī.

Para Wilson, o termo “*Asu* pode ser traduzido por divindades, ou rios, *devanatham nadinam madhye. Ratha iva brihati vibhwane krita*: fez uma grande vastidão, como um carro criado por *Prajapati*, assim criado, *vibhavane, vibhutvaya*, para a grandeza ou vastidão” (Wilson, 1977, p. 179). Sarasvatī distingue-se pela “grandeza entre os grandes, ela é mais ativa que o ativo, e é solicitada a não reter o seu leite. O poeta reza para não ser removido da presença dela para lugares que sejam estranhos” (MacDonell, 1897, p. 86).

Kashyap considera que, dentre os rios, apenas Sarasvatī é plenamente consciente, *prachekite* (totalmente consciente), e traduz *apastamā* por excelentes trabalhadores, *vibhane* por soberania, capacidade que tudo permeia, *asu* por rio, *aranāni* por lugares sem alegria, estéreis, *spharī* por crescimento e *payas* significaria tanto o leite como água. Considera que se traduzirmos *payas* como água, “*payasā mā naḥ adhāk*” significa “não nos queime com suas águas” e mostra que o *ṛk* pode se referir a uma água que não seja material; mas o sentido de *payas* pode ser o de leite. *Payas* também pode significar, segundo Kashyap, “o fluxo de raios de iluminação a partir de Sarasvatī” e assim, a oração pode ser traduzida por “não nos queime com toda a sua luz, podemos suportar só um pouco”; uma ideia semelhante estaria em um outro hino do *Rgveda* (1.7.3) (Kashyap, 2005, p. 27).

Nagar considera que o rio tem a sua própria vida humana, proveniente das questões de ordem social, física, religiosa e histórica, que se desenvolviam em torno de suas margens, visto que eles – os rios – não somente atendiam às necessidades físicas, mas transportavam as mensagens divinas e eram considerados fonte de inspiração divina. Os conhecimentos registrados pelos videntes são testemunhos da presença dessa vida. O estudo da literatura védica também revela que os antigos videntes não acreditavam em uma forma abstrata da natureza mas, por outro lado, tinham uma abordagem psicológica em torno de *Prakṛtī* (natureza) e, devido a essa abordagem, os diversos elementos da natureza eram visualizados por eles de forma diferente. Quando as águas de lagos ou rios são adoradas com diferentes finalidades, desde adoração por si mesmas ou adoração para obtenção de algumas vantagens, é concebida a presença da vida, embora ainda indiretamente. E este sentimento de vida se torna aparente quando um rio em especial é concebido na forma personificada de uma deusa. Segundo Nagar, nestas circunstâncias, no *Rgveda* a referência à água divina é encontrada repetidamente, e esta água divina representa quase todos os rios (Nagar, 2006, p. 84).

O sábio védico deliberadamente combina a glória natural e humana com o sentido do ser supremo, como é ilustrado pela descrição de Sarasvatī como “mãe das mães, o mais nobre dos rios, a divina suprema (*āmbitame, nadītame, devitame*)”. Ela é o grande *Arṇas*, oceano (de luz), e guardiã do elevado intelecto (*dhī*). Nos *Purāṇas* ela é chamada de *vedajanani*, mãe do *Veda*. Ela é *Vāc*, o poder por trás das palavras reveladas do *Veda*. Em um hino comentado por Bose, em que *Vāc* fala sobre si mesma, a vidente védica (que dizem ser a filha do sábio *Abhrīṇa*) se eleva às maravilhosas alturas da eloquência poética, carregada de paixão espiritual (Bose, 1966, p. 31).

7 Comentários finais

O pensamento expresso nos *Vedas* é de enorme complexidade. Torna-se extremamente difícil esclarecer todos os pontos de um único hino, já que cada verso menciona diversos conceitos e nomes que, por sua vez, precisam ser compreendidos a partir da leitura de outros hinos, e assim por diante. Os tradutores e os comentaristas não estão de acordo entre si, oferecendo dis-

tintas interpretações acerca do hino e sobre a deusa-rio Sarasvatī, resultando em imensas barreiras para atingir o significado e compreensão acerca da concepção da deusa nesses hinos.

Costuma-se reduzir Sarasvatī nos *Vedas* a um rio, dando uma interpretação puramente naturalística, mas essa é uma interpretação imperfeita, pois os hinos vêdicos dedicados a Sarasvatī mostram claramente sua conexão com outros aspectos e atributos que não podem ser endereçados a um rio puramente físico.

Apesar dessas dificuldades, na análise do hino 6.61 do *Rgveda* é possível identificar algumas das características de Sarasvatī. Ela é cheia de riquezas e generosa; é poderosa – tem um poder infinito – podendo ser terrível, capaz de destruir forças negativas; é capaz de inundar o céu e a terra, reside nos três mundos e abrange os sete tipos de seres; pertence a um grupo de sete irmãs. Ela é elogiada pelo *ṛṣi*, como a mais amada dentre as amadas, a mais grandiosa, a mais impetuosa. O *ṛṣi* invoca sua proteção, pede que ela distribua águas e desvie o veneno, que proteja o pensamento (*dhī*), que dê plenitude, riquezas, que leve para longe dos inimigos e dos críticos – e, por fim, que ela não se afaste do seu devoto, nem o destrua (“queime”).

Na maior parte do hino 6.61 do *Rgveda*, Sarasvatī não pode ser interpretada como sendo apenas um rio. Vemos que ela é uma poderosa divindade, invocada para diversos fins, e com quem o devoto mantém uma relação de admiração, temor, louvor, amor, amizade, obediência.

Referências bibliográficas

- BHATTACHARJI, Sukumari. *Legends of Devi*. Mumbai: Disha Books, 1995.
- BIANCHINI, Flávia. A origem da civilização indiana no vale do Indo-Sarasvati: teorias sobre a invasão ariana e suas críticas recentes. Vol. 1, pp. 57-108, in: POSSEBON, Fabricio; GNERRE, Maria Lucia Abaurre (orgs.). *Cultura oriental: filosofia, língua e crença*. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2012.
- BOSE, Abinash Chandra. *Hymns from the Vedas*. Bombay: Asia Publishing House, 1966.
- FEUERSTEIN, Georg. *A tradição do Yoga*. São Paulo: Pensamento, 1998.
- FEUERSTEIN, Georg; KAK, Subhash; FRAWLEY, David. *In search of the cradle of civilization. New light on ancient India*. 2a edição. Wheaton: Theosophical Publishing House, 2001.
- GONDA, Jan. *A history of Indian literature. Vedic literature (Samhitas and Brahmanas)*, vol. 1 fasc. 1. Wiesbaden: Otto Harrassowitz, 1975.
- GRIFFITH, Ralph T. H. *The hymns of the Rig Veda*. Delhi: Motilal Barnasidass, 1986.
- HILLEBRANDT, Alfred. *Vedic mythology*. Delhi: Motilal Barnasidass, 1980. 2 vols.
- KASHYAP, Rangasami Lakshminarayana. *Sarasvati, the goddess of inspiration*. Bangalore: SAKSI, 2005.
- LUDVIK, Catherine. *Sarasvatī, riverine goddess of knowledge. From the manuscript-carrying vīṇā-player to the weapon-wielding defender of the dharma*. Leiden; Boston: Brill’s Indological Library, 2007.
- MACDONELL. Arthur Anthony. *Vedic mythology*. Strassburg: Trübner, 1897.
- MARTINS, Roberto de Andrade. As dificuldades de estudo do pensamento dos Vedas. Pp. 113-183, in: FERREIRA, Mário; GNERRE, Maria L. A.; POSSEBON, Fábio (orgs.). *Antologia védica*. Edição bilingue: sânscrito e português. João Pessoa: Editora Universitária UFPB, 2011.
- MONIER-WILLIAMS, Monier. *A Sanskrit-English dictionary*. Oxford: Clarendon Press, 1979.
- MUIR, John. *Original Sanskrit texts on the origin and history of the people of India, their religion and institutions*. London: Trübner, 1870. 5 vols.
- NAGAR, Shantilal. *Sarasvati. The goddess of learning and wisdom*. Delhi: B. R. Publishing Corporation, 2006.
- NATH, Prem; SINGH, Chitralakha. *Saraswati (Gayatri, Savitri, Bag Devi)*. New Delhi: Indiana Publishing House, 2010.
- SANKARAN, A. V. Saraswati – the ancient river lost in the desert. *Current Science*, 77 (8): 1054-1060, 1999.

- SARUP, Lakshman. *The Nighaṇṭu and the Nirukta. The oldest Indian treatise on etymology, philology and semantics*. Delhi: Motilal Barnasidass, 1967.
- WILSON, Horace Hayman. *Ṛg-Veda-Saṃhitā. Text in nagari, English translation, notes and appendices*. Delhi: Nag Publishers, 1977. 6 vols.